

Exportações do Rio Grande do Sul em 2010: razões para o baixo dinamismo frente à média nacional*

Cecília Rutkoski Hoff**

Supervisora do Centro de Informações Estatísticas (CIE-FEE),
Professora da Faculdade de Administração, Contabilidade e
Economia (FACE-PUCRS)

Introdução

É esperado que a combinação de câmbio apreciado, aumento dos custos internos e desaceleração na demanda mundial provoque, cedo ou tarde, uma desaceleração ou estagnação das exportações. Sob esses aspectos, o desempenho pouco expressivo das exportações do Rio Grande do Sul em 2010, com um crescimento de apenas 1,0% em relação a 2009, poderia ser justificado. Essa conjuntura, porém, não é exclusiva do Estado, e resulta surpreendente que tal crescimento tenha sido obtido em simultâneo a uma expansão de 32,0% das exportações em nível nacional. A diferença entre os resultados, além de corroborar a tendência de perda de participação das exportações gaúchas na pauta nacional, sugere que existem explicações específicas em relação ao Estado para o baixo dinamismo das exportações em 2010.

De um lado, o fraco desempenho de 2010 pode ser o resultado de um movimento estrutural mais amplo, de perda de competitividade de setores da indústria gaúcha antes tradicionalmente exportadores — como o coureiro calçadista e o moveleiro, por exemplo —, e de elevação dos preços relativos de *commodities* ligadas à indústria extrativa, que tomou força a partir de meados dos anos 2000 e ampliou as receitas de estados exportadores desses produtos. De outro, percebe-se que o resultado de 2010 também foi influenciado por fenômenos conjunturais, como a quebra de safra do fumo, a redução nas exportações de grãos de soja e a queda nas vendas de energia elétrica para a Argentina, que não devem se repetir — ou não com a mesma intensidade — nos próximos anos. Os dados do primeiro semestre de 2011 confirmam que, na ausência desses fenômenos, o

Estado mostra um desempenho exportador satisfatório.

O objetivo deste trabalho é identificar as razões para o baixo desempenho relativo das exportações do Rio Grande do Sul em 2010, bem como avaliar, num sentido mais amplo, se esse resultado pode ser entendido como indicativo de crise nas exportações gaúchas. Ele é composto de duas seções, além desta **Introdução**. Na primeira, faz-se uma avaliação preliminar das razões para a diferença de resultados, comparando-se as exportações gaúchas e brasileiras por meio dos índices de volume e preços, bem como o desempenho dos dois maiores setores exportadores do Estado — agropecuária e indústria de transformação. Na segunda seção, faz-se uma análise desagregada, comparando-se o desempenho de segmentos específicos da agropecuária e da indústria de transformação, que mostraram comportamentos divergentes no Estado e nacionalmente. Por fim, são apresentadas algumas notas conclusivas, através das quais são avaliados os dados dos primeiros sete meses de 2011.

1 Razões para o baixo dinamismo relativo das exportações gaúchas: uma primeira aproximação

O resultado de 2010 corroborou a tendência, que vem sendo observada desde o Plano Real, de perda de participação do Estado nas exportações nacionais. Em 1993, as vendas externas gaúchas chegaram a alcançar 13,52% do total exportado nacionalmente, enquanto o Rio Grande do Sul se mantinha como o segundo maior estado exportador, abaixo apenas de São Paulo. A partir de então, a tendência de perda de

* Revisor de Língua Portuguesa: Breno Camargo Serafini.
Artigo recebido em 24 ago. 2011.

** E-mail: cecilia.hoff@pucrs.br

participação foi ficando clara, com uma intensificação em 2005, em função da forte estiagem que atingiu o Estado. Nesse ano, a participação caiu para 8,52%, já estando o Rio Grande do Sul na terceira posição. A partir de 2006, na esteira da elevação do preço da soja no mercado internacional e da recuperação da safra agrícola, o Estado voltou a representar quase 10,0% das exportações nacionais, sem, no entanto, recuperar a segunda posição, que já havia sido perdida para Minas Gerais. Em 2010, porém, a participação do Estado caiu para 7,63% e, no *ranking* nacional, está abaixo de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, sendo seguido de perto pelo Paraná (com participação de 7,02%). Essas informações podem ser observadas no Gráfico 1 e na Tabela 1.

A perda de participação acentuada observada em 2010 decorre de um desempenho bastante inferior ao nacional: enquanto o valor das exportações brasileiras cresceu 32,0%, o das do Rio Grande do Sul cresceu apenas 1,0%. A que se deve essa diferença de resultados? Uma primeira aproximação pode ser feita a partir da decomposição dos resultados em variações de volume e preços. No Rio Grande do Sul, o crescimento de 1,0% em valor resulta de uma queda de 8,3% do volume físico exportado e de um aumento de 10,2% dos preços em dólares. Em nível nacional, observou-se crescimento de 12,4% no volume físico exportado e de 17,4% nos preços em dólares.

A principal razão para a divergência entre os índices de preços reside na alta de 48,8% observada no índice da indústria extrativa nacional. Esse segmento é importante para a pauta brasileira (representa 9,7% das exportações nacionais), mas é pouco relevante no Estado (representa apenas 0,1% da pauta do RS). A rigor, o crescimento de preços da indústria extrativa em nível nacional foi bastante influenciado pelo resultado dos estados exportadores de minério de ferro ou petróleo, como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pará e Espírito Santo (Tabela 1). Além da indústria extrativa, os preços das exportações da agropecuária também registraram queda de 1,8% no Rio Grande do Sul, enquanto, em nível nacional, observou-se expansão de 6,0%. A redução do índice de preços das exportações da agropecuária gaúcha decorre da queda do preço da soja em grão, principal produto exportado pelo setor no Estado, ao passo que a elevação do índice de preços alcançada em nível nacional se deve à alta do preço do café, com baixa participação nas exportações do Estado. Por outro lado, o aumento do índice de preços das exportações da indústria de transformação foi superior no Rio Grande do Sul (12,2%, contra 9,1% em nível nacional)

e determinante para o crescimento dos preços das exportações no Estado (Tabela 2).

Deve ser notado, porém, que o aumento dos preços das exportações da indústria de transformação, embora possa resultar num aumento das receitas em dólares, nem sempre deve ser entendido como um fenômeno positivo. Se decorrente de um movimento mundial de alta dos preços (no qual o produtor doméstico é tomador de preços), a elevação pode ser benéfica e contribuir para ampliar margens ou compensar perdas com a apreciação cambial — embora também possa implicar uma volatilidade maior nas receitas. Por outro lado, nos casos em que o aumento de preços é individual (quando o produtor doméstico forma os seus preços no mercado externo), o resultado é uma recomposição de margens, mas ao custo de perda de competitividade. No primeiro grupo, se enquadrariam os setores produtores de *commodities*, que têm se beneficiado da elevação dos preços no mercado internacional. Já no segundo grupo, estariam os produtos manufaturados em geral.

Com relação ao índice de volume das exportações, a Tabela 3 mostra que houve queda tanto na agropecuária (com participação de 14,2% no total das exportações do Estado) quanto na indústria de transformação (com participação de 77,9%). Observou-se uma redução de 2,5% do índice de volume da agropecuária, que contribuiu com -0,4 pontos percentuais para a redução total, e uma queda de 1,7% do índice de volume da indústria de transformação, que contribuiu com -1,3 ponto percentual para o resultado total.

A maior contribuição para a queda do índice de volume das exportações do Estado em 2010, porém, adveio da categoria “outros”. Esse agregado foi construído de forma arbitrária, com o objetivo de consolidar algumas atividades que constam na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), mas cuja participação é residual nas exportações do Estado. Inclui, por exemplo, as exportações ligadas a atividade de pesca, prestação de serviços às empresas (consultorias, por exemplo), atividades culturais e desportivas, e, em 2009, as exportações de energia elétrica. Em condições normais, o volume exportado por esses segmentos é bastante baixo, se comparado ao comumente observado na agropecuária e na indústria de transformação. Em 2009, porém, esse agregado foi inflado pela regularização contábil de operações de vendas de energia elétrica para a Argentina, que vinham sendo feitas pelo Brasil, via Rio Grande do Sul,

desde 2007¹. Como essas operações não se repetiram em 2010, houve uma queda significativa de 85,6% no volume exportado por esse segmento, que contribuiu com 6,7 pontos percentuais para o resultado global. Na ausência desse evento, o índice de volume das exportações do Estado teria registrado uma queda de 1,7% em 2010 — que é bastante inferior à que foi efetivamente observada, mas ainda assim representa uma redução no volume exportado.

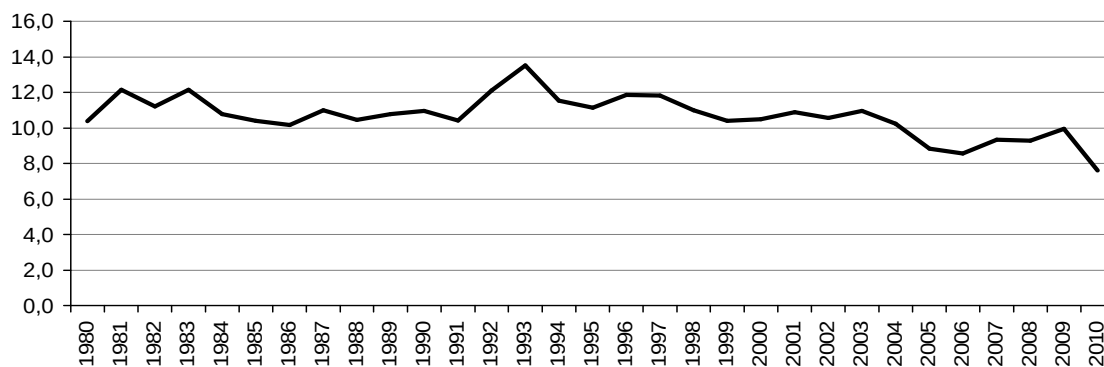
No Brasil, por outro lado, observa-se crescimento dos índices de volume das exportações da agropecuária e da indústria de transformação (que representam, respectivamente, 12,8% e 74,7% da pauta), bem como da indústria extrativa. O índice de volume das exportações da agropecuária cresceu 6,9%, contribuindo com 0,9 ponto percentual para o crescimento total de 12,4% registrado em nível nacional, ao passo que o índice de volume da indústria de transformação cresceu 11,3%, contribuindo com 8,4 pontos percentuais para esse resultado. Além desses, observou-se um crescimento de 31,8% do índice de volume das exportações da indústria extrativa, que contribuiu com 3,1 pontos percentuais para o resultado global. Neste último caso, nota-se que a maior parte da expansão se deve aos segmentos de extração de miné-

rio de ferro e petróleo, o que implica que a diferença de resultados que advém desse setor não deriva de uma perda de dinamismo relativo das exportações do Estado, mas, sim, de condições geográficas específicas, isto é, do fato de não haver disponibilidade desses recursos em território gaúcho. Excluindo-se a contribuição desse setor, a expansão em volume das exportações brasileiras teria sido de 9,3%, um resultado inferior ao observado, mas ainda assim bastante superior ao registrado pelo Rio Grande do Sul.

Em suma, ainda que uma parte relevante do baixo dinamismo relativo das exportações do Rio Grande do Sul em 2010 possa ser explicada pela distorção causada pela venda de energia elétrica para a Argentina em 2009 (que aumentou a base de comparação para os dados de 2010), bem como pela ausência de uma indústria extrativa relevante no Estado (que resultou em taxas de crescimento elevadas dos índices de volume e preços das exportações de outros estados importantes na pauta nacional), o desempenho das exportações da agropecuária e da indústria de transformação, principais setores exportadores do Rio Grande do Sul, também ficou aquém do nacional.

Gráfico 1

Participação percentual das exportações do RS no total das exportações do Brasil — 1980-2010



FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

¹ “A receita obtida com as vendas externas de energia elétrica, na verdade, referem-se basicamente a onze operações (vendas) realizadas pelo Brasil — através do Rio Grande do Sul — para a Argentina desde 2007. Havia algumas divergências sobre o montante correto dos recursos e, além disso, o Brasil passou a cumprir uma determinação da ONU e considerar, a partir de 2007, a energia elétrica como um bem físico e, portanto, incluído na balança comercial e não mais na balança de serviços. Por esses motivos, os valores referentes às operações mencionadas foram todos lançados em 2009.” (Garcia, 2010, p. 75).

Tabela 1

Exportações do Brasil e de estados selecionados — 2010

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (US\$ bilhões)	PARTICIPAÇÃO %	VARIAÇÃO % 2010/2009		
			Valor	Volume	Preço
Brasil	201,9	100,0	32,0	12,4	17,4
São Paulo	52,3	25,9	23,4	11,6	10,6
Minas Gerais	31,2	15,5	60,0	15,9	38,0
Rio de Janeiro	20,0	9,9	48,1	17,4	26,2
Rio Grande do Sul	15,4	7,6	1,0	-8,3	10,2
Paraná	14,2	7,0	26,3	18,5	6,6
Pará	12,8	6,4	53,8	-1,0	55,4
Espírito Santo	12,0	5,9	83,6	45,8	25,9
Bahia	8,9	4,4	26,7	5,0	20,7
Mato Grosso	8,5	4,2	0,3	-2,8	3,2
Santa Catarina	7,6	3,8	18,0	13,2	4,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

NOTA: Elaboração FEE/CIE.

Tabela 2

Variação percentual dos índices de valor, volume e preço das exportações no RS e no Brasil — 2010/2009

SETORES	RIO GRANDE DO SUL			BRASIL		
	Valor	Volume	Preço	Valor	Volume	Preço
Total	1,0	-8,3	10,2	32,0	12,4	17,4
Agropecuária	-4,3	-2,5	-1,8	13,4	6,9	6,0
Extrativa	20,6	21,8	-1,0	96,2	31,8	48,8
Transformação	10,3	-1,7	12,2	21,4	11,3	9,1
Outros	-82,5	-85,6	21,4	6,3	-1,4	7,8

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

NOTA: Elaboração FEE/CIE.

Tabela 3

Contribuição dos setores para a variação do índice de volume no RS e no Brasil — 2010

SETORES	RIO GRANDE DO SUL			BRASIL		
	Índice de Volume 2010/2009 (%)	Participação %	Contribuição (pontos percentuais)	Índice de volume 2010/2009 (%)	Participação %	Contribuição (pontos percentuais)
Total	-8,3	100,0	-8,3	12,4	100,0	12,4
Agropecuária	-2,5	14,2	-0,4	6,9	12,8	0,9
Extrativa	21,8	0,1	0,0	31,8	9,7	3,1
Transformação	-1,7	77,9	-1,3	11,3	74,7	8,4
Outros	-85,6	7,8	-6,7	-1,4	2,8	0,0

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

NOTA: Elaboração FEE/CIE.

2 Razões para o baixo dinamismo relativo das exportações gaúchas: uma segunda aproximação

No que diz respeito ao desempenho da agropecuária, as quedas em valor e volume observadas no Rio Grande do Sul foram determinadas pela redução de 7,9% do valor exportado de grãos de soja (decorrente de quedas de 3,5% do índice de volume e 4,5% do índice de preços). Esse produto representa, sozinho, cerca de 90,0% das exportações do setor no Estado. Dado que a safra da soja foi positiva em 2010 — estimou-se um crescimento de 27,3% do valor da produção em 2010 em relação a 2009 —, deve ter havido, nesse ano, um deslocamento das vendas para o mercado interno, seja para a produção de óleo e farelo de soja, seja para a produção de biocombustíveis. Há a possibilidade também de que o deslocamento para o mercado interno tenha ocorrido em função de uma redução temporária da demanda chinesa pelo produto, para regularização de estoques — a China concentra a compra de cerca de 90,0% das exportações de grãos de soja do Estado. O crescimento de 136,0% das vendas de trigo (aumento de 90,7% do índice de volume e de 23,8% do índice de preços), por outro lado, contribuiu para reduzir o impacto da queda das vendas de soja no resultado do setor. Em função do crescimento expressivo observado, a participação do trigo nas exportações da agropecuária aumentou de 2,2% em 2009 para 5,4% em 2010 (Tabela 4).

Conforme pode ser observado na Tabela 5, a variação do índice de volume das exportações de soja foi positiva em nível nacional, ainda que bastante reduzida (1,8%). Esse resultado, somado à queda de 5,0% observada no índice de preços, implicou uma redução de 3,3% do valor exportado. Considerando-se que o Rio Grande do Sul está entre os três maiores estados exportadores de grãos de soja do País (em 2009, as exportações do Estado representaram cerca de 17,0% das exportações nacionais do produto), o resultado pouco expressivo em nível nacional não surpreende. Ademais, o Estado do Mato Grosso, que, em 2009, contribuiu com cerca de 40,0% das exportações brasileiras de grãos de soja, registrou queda de 18,7% no volume exportado em 2010. A exceção foi o Paraná, que registrou um crescimento,

em volume, de 35,7%, aumentando a sua participação nas exportações nacionais do produto, de 16,2% em 2009 para 21,6% em 2010. Fica claro, também, a partir da análise da Tabela 5, que o crescimento das exportações da agropecuária no Brasil foi determinado pela expansão de 37,8% das vendas de café em grão (crescimento de 9,3% do índice de volume e de 26,1% do índice de preços), produto que representa 25,2% das exportações do setor em nível nacional, mas que é pouco relevante para as exportações do Estado, e pelos 68,6% das vendas de milho em grão (crescimento de 38,3% no índice de volume e de 21,9% no índice de preços). Este último produto, além de ter uma baixa participação nas vendas da agropecuária gaúcha (1,1%, contra 10,3% em nível nacional), teve reduzidas as suas exportações no Estado.

É possível observar, pela análise das Tabelas 6 e 7, que os principais setores responsáveis pela redução de 1,7% no índice de volume das exportações da indústria de transformação do Rio Grande do Sul foram fabricação de produtos do fumo, coureiro calçadista e refino de petróleo. Essas atividades, além de terem uma participação relativamente menor nas exportações brasileiras, registraram desempenho não tão negativo em nível nacional. No caso do refino de petróleo, a queda no índice de volume foi de 57,2% no Estado, enquanto, no Brasil, a queda foi de 28,6%. A fabricação de produtos do fumo, que registrou queda de 27,5% no índice de volume no Rio Grande do Sul e de 24,0% no do Brasil, tem uma participação relevante nas exportações no Estado (11,7% em 2010), mas representa apenas 1,34% das exportações nacionais. A rigor, isso decorre do fato de que cerca de 70,0% das exportações nacionais de fumo são provenientes do Rio Grande do Sul. No coureiro calçadista, porém, a discrepância entre os resultados é mais acentuada. No Rio Grande do Sul, esse setor representa 8,5% das exportações, e registrou queda de 3,4% em volume. Em nível nacional, além de ter uma participação menor no total exportado (1,7%), o setor apresentou um crescimento de 6,8% em volume.

Nesse sentido, com exceção do coureiro calçadista, que vem sofrendo dificuldades em função da perda de competitividade, provocada, principalmente, pelo câmbio apreciado e pela concorrência chinesa, nas duas outras atividades nas quais houve queda do volume exportado, esta se deu em função de redução na oferta dos bens. Isso implica, em última análise, que o desempenho das exportações do Estado pode sofrer alguma melhora, assim que as condições de oferta desses bens forem regularizadas.

Na comparação dos desempenhos da indústria de transformação, também se pode notar que, excetuando-se as atividades descritas acima, em que houve queda no volume exportado, entre aquelas em que houve crescimento, este foi relativamente menor no Estado. É o caso, por exemplo, da fabricação de produtos químicos e de máquinas e equipamentos. Nos químicos, a taxa de crescimento inferior no Estado (aumento de 1,0% no índice de volume, contra 20,4% no Brasil) resulta da queda nas vendas de resinas e elastômeros, que foi observada também nacionalmente, mas teve um impacto maior no resultado do setor, no Rio Grande do Sul, em função de sua maior participação. No setor de máquinas e equipamentos, o crescimento de 17,2% no volume exportado pelo Estado decorre da venda de tratores e máquinas e equipamentos para a agricultura, enquanto, nacionalmente, o crescimento de 40,7% decorre da expansão das vendas externas de motores, bombas, compressores e equipamentos de transmissão, bem como de máquinas e equipamentos para uso na extração mineral e construção.

Tal como no Brasil, a principal atividade de origem das exportações da indústria de transformação gaúcha é a fabricação de produtos alimentícios, que representam 29,4% das vendas externas do setor no Estado, contra 18,9% nacionalmente. Embora o crescimento em volume desse segmento tenha sido da mesma ordem no Estado e no Brasil, o desempenho dos preços foi superior em nível nacional, o que

implicou um maior crescimento em valor. Isso é resultado de pautas diferenciadas: enquanto, no Rio Grande do Sul, a produção de alimentos para exportações se resume, basicamente, a carnes e óleo e farelo de soja, nacionalmente, além desses produtos, é relevante o refino de açúcar, cujos preços aumentaram cerca de 30,0% em 2010. Por fim, deve ser notado que o crescimento observado em nível nacional também contou com a contribuição de alguns segmentos que são pouco representativos nas exportações gaúchas — caso da metalurgia básica, da produção de celulose, papel e produtos de papel — ou na estrutura produtiva do Estado — caso dos outros equipamentos de transporte, no qual as aeronaves são o principal produto exportado.

Em suma, à exceção do setor coureiro calçadista, que mostra comportamento divergente em nível regional e nacional, o desempenho relativamente mais baixo das exportações da agropecuária e da indústria de transformação no Rio Grande do Sul resulta, principalmente, de dois fatores: (a) a menor participação na pauta nacional de produtos ou atividades que tiveram queda em 2010, como soja e fumo, por exemplo; e (b) a baixa participação, na pauta de exportações do Estado, de produtos ou atividades que tiveram crescimento expressivo em 2010, como aqueles ligados à indústria extrativa, à metalurgia básica, à produção de celulose, à produção de bens de capital para a indústria extrativa, à produção de café e açúcar, aeronaves, etc.

Tabela 4

Variação percentual dos índices de valor, volume e preço das exportações da agropecuária no RS — 2010

DISCRIMINAÇÃO	PARTICIPAÇÃO EM 2010	2010/2009		
		Valor	Volume	Preço
Total	100,0	-4,3	-2,5	-1,8
Outros grãos de soja, mesmo triturados	86,3	-7,9	-3,5	-4,5
Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura) e trigo com centeio	5,5	136,0	90,7	23,8
Maças frescas	1,8	-11,2	-14,6	4,0
Milho em grão, exceto para semeadura	1,1	-17,5	-19,8	2,8
Outros	5,4	-	-	-

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

NOTA: Elaboração FEE/CIE.

Tabela 5

Variação percentual dos índices de valor, volume e preço das exportações da agropecuária no Brasil — 2010

DISCRIMINAÇÃO	PARTICIPAÇÃO EM 2010	2010/2009		
		Valor	Volume	Preço
Total	100,0	13,4	6,9	6,0
Outros grãos de soja, mesmo triturados	53,7	-3,3	1,8	-5,0
Café não torrado, não descafeinado, em grão	25,2	37,8	9,3	26,1
Milho em grão, exceto para semeadura	10,3	68,6	38,3	21,9
Outros bovinos vivos	3,1	50,8	25,5	20,1
Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura) e trigo com centeio	1,1	259,5	241,7	5,2
Outros	6,6	-	-	-

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

NOTA: Elaboração FEE/CIE.

Tabela 6

Variação percentual dos índices de valor, volume e preços das exportações da indústria de transformação no RS — 2010

DISCRIMINAÇÃO	PARTICIPAÇÃO EM 2010	2010/2009		
		Valor	Volume	Preço
Total	100,0	10,3	-1,7	12,2
Produtos alimentícios e bebidas	25,0	13,2	5,8	7,0
Químicos	11,9	27,5	1,0	26,3
Fumo	11,7	-14,3	-27,5	18,2
Couros e artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	8,5	11,7	-3,4	15,7
Máquinas e equipamentos	8,5	24,5	17,2	6,2
Veículos automotores, reboques e carrocerias	5,3	53,3	44,6	6,1
Coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool	2,4	-43,7	-57,2	31,4
Outros	26,7	-	-	-

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

NOTA: Elaboração FEE/CIE.

Tabela 7

Variação percentual dos índices de valor, volume e preço das exportações da indústria de transformação no Brasil — 2010

DISCRIMINAÇÃO	PARTICIPAÇÃO EM 2010	2010/2009		
		Valor	Volume	Preço
Total	100,0	21,4	11,3	9,1
Produtos alimentícios e bebidas	18,9	22,1	5,9	15,3
Metalurgia básica	8,1	22,2	7,7	13,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias	7,1	49,6	43,5	4,3
Químicos	5,5	24,1	20,4	3,1
Máquinas e equipamentos	4,3	28,3	40,7	-8,8
Celulose, papel e produtos de papel	3,3	35,6	4,5	29,7
Outros equipamentos de transporte	2,8	11,9	13,2	-1,2
Coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool	2,1	-7,6	-28,6	29,5
Couros e artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	1,7	27,2	6,8	19,1
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1,5	4,3	18,6	-12,1
Outros	44,6	-	-	-

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex.

NOTA: Elaboração FEE/CIE.

3 Pode-se falar em crise nas exportações gaúchas? Algumas notas conclusivas

O resultado alcançado pelas exportações do Rio Grande do Sul em 2010, embora bastante inferior ao nacional, não confirma um cenário de crise desse segmento no Estado. Este reflete, a rigor, diferenças na estrutura das exportações, bem como alguns fatores pontuais. O Estado não conta com a forte contribuição das exportações da indústria extrativa (minério de ferro e petróleo) e de outros segmentos cujo crescimento em nível nacional foi expressivo. Além disso, a queda nas exportações de soja, a quebra da safra de fumo, a queda nas exportações de óleo diesel e a não repetição das vendas de energia elétrica para a Argentina, que contribuíram negativamente para o resultado de 2010, são fenômenos essencialmente conjunturais, que tendem a se normalizar num futuro próximo. Os dados do primeiro semestre de 2011 mostram que, com uma recuperação, ainda que modesta, desses segmentos, as exportações do Estado têm mostrado um crescimento satisfatório, pelo menos quando comparado à média nacional. No acumulado de janeiro a julho, as exportações brasileiras cresceram 31,5% em valor e 1,5% em volume, enquanto as exportações do Rio Grande do Sul cresceram 26,7% e 5,5% respectivamente.

Por outro lado, a conjuntura para as exportações brasileiras em geral, e gaúchas em particular, continua adversa. O câmbio apreciado, a retração da demanda externa e a elevação dos custos domésticos continuam reduzindo margens e impondo dificuldades para a conquista de novos mercados ou mesmo para a manutenção dos já existentes. O crescimento das exportações tem sido alcançado a despeito dessa conjuntura, mas se nota que se tem concentrado em alguns segmentos específicos, ao passo que, em outros, as dificuldades ficam evidentes. A rigor, o desempenho das exportações pode ser interpretado a partir de três grupos distintos de produtos.

Em um primeiro grupo estão os segmentos beneficiados pelo crescimento da demanda mundial e pela alta de preços, ainda que não na mesma dimensão da alta observada para o minério de ferro e para o petróleo. Nesse grupo, destaca-se o “complexo soja”, as carnes e os produtos químicos. Outro grupo

engloba aqueles segmentos que têm apresentado um crescimento expressivo do volume exportado devido à incorporação de vantagens competitivas, como o setor automotivo e a produção de máquinas e equipamentos. Esses segmentos usufruem de alta competitividade, seja em função da diferenciação dos produtos (caso dos caminhões e ônibus, por exemplo), seja pelo acesso privilegiado aos mercados vizinhos (autopeças e máquinas agrícolas para a Argentina, por exemplo), seja pela possibilidade de redução de custos via incorporação de insumos importados.

Num terceiro grupo, por fim, estão aqueles segmentos caracterizados pela produção de bens manufaturados intensivos em trabalho, como o coureiro-calçadista e o moveleiro. Nestes, as dificuldades associadas à conjuntura atual são claras. O ocorrido no setor coureiro-calçadista é revelador: tendo representado 20,0% das exportações do Estado em 2003, vem acumulando quedas nas exportações ano a ano, de modo que, atualmente (primeiro semestre de 2011), estas representam 6,9% da pauta gaúcha. Daí conclui-se que, embora o desempenho das exportações do Estado possa ser considerado satisfatório, se comparado à média nacional, preocupa a concentração em alguns segmentos, em especial aqueles ligados ao agronegócio, cuja renda está sujeita à volatilidade dos preços no mercado internacional, bem como a perda de renda e empregos em setores da indústria tradicional.

Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. SECEX. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/>>. Acesso em: dez. 2010.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA — FEE. **Estatísticas exportações**. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/>>. Acesso em: 8 ago. 2011.

GARCIA, Álvaro Antonio. As exportações gaúchas em 2010. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2011.

GARCIA, Álvaro Antonio. As exportações gaúchas em 2009. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 71-84, 2010.

LAZZARI, Martinho. O declínio do setor calçadista gaúcho. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 20, n. 6, 2011.